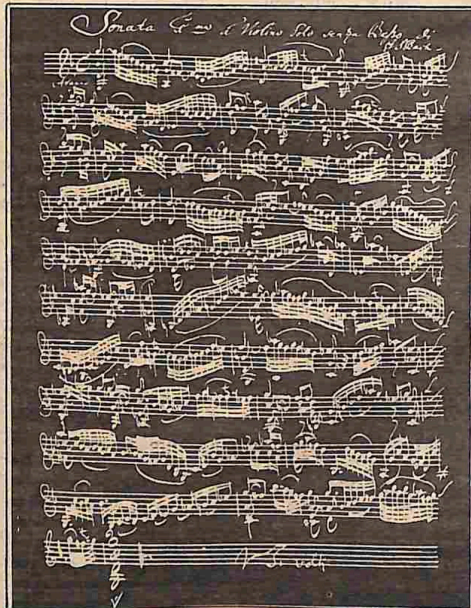


(a Bertold Brecht, in memoriam)

A passo de ganso, seguido por dois oficiais, ia à frente Reinhard Heydrich, o chefe da Gestapo. Fazia pouquíssimo que desembarcara e não se demoraria mais que o tempo necessário para a execução de um prazer. Escoltado por dois SS dirigia-se para uma das câmaras de gás do campo de concentração para acioná-la pessoalmente. Concluída a operação, e com agonias de prazer, Heydrich vira-se para os dois oficiais e, hirtó, despede-se. O Heinkel que o traria de volta para Munique já aguardava com a hélices em movimento.

Em casa, para esperar o jantar, Heydrich está ao piano, enlevado, dedicando uma Allemande e trechos do Concerto Italiano de Bach. Que é um profundo conhecedor de Bach, é voz corrente. E é voz de consenso que Heydrich — “o carrasco da Gestapo” — era o mais sanguinolento de todos os nazistas. Após o jantar foi ao Teatro Municipal (Bundestheater) para assistir ao concerto dedicado a obras de Bach, neste dia 2 de fevereiro de 1942. Durante o intervalo, Heydrich e Goebbels — “o erudito colecionador de obras de arte” — encontravam-se em animada conversa sobre tópicos culturais. Ao lado de Heydrich e Goebbels, Himmler recostado à escalinata de acesso aos ca-



Comemorando os 300 anos do nascimento de Bach

Willy Corrêa de Oliveira

marotes tinha o ar de quem apenas aguardava a chamada para a segunda parte do programa: os Brandembúrgos n.ºs 4, 5 e 6 sob a regência do sensível e preciso Futwängler. Hitler permanecia no camarote.

Hoje, nas comemorações dos 300 anos de nascimento de Bach, como um revolucionário comemora este grande momento? Comemora como a burguesia montando negócios para comercializar Festivais Bach, com artistas do mundo da alta exploração capitalista? Ou simplesmente aplaudindo os concertos que "eles" confeccionam em nome de Bach, como uma fuga: mais um tranquilizante vago e simpático? Ou o proletariado atendendo aos convites para os concertos para o povo, "como migalhas que caem da mesa de seus senhores"? "O proletariado não realizará a sua missão histórico-universal, não ocupará o centro da vida política nacional e do bloco de forças democráticas e nacional, enfim, não alcançará sua hegemonia se não lutar para libertar a cultura brasileira das idéias produzidas pelas classes dominantes e do monopólio, por elas, dos meios de produção é difusão culturais" (in Uma alternativa democrática para a crise brasileira, Edições Novos Rumos, 1984).

Mas comemoramos Bach, sim. Comemoramos Bach não passivamente tocando e escutando Bach em memória de Bach. Comemoramos os 300 anos do nascimento de Bach, aprendendo do legado deste músico um cantar libertário para as lutas de hoje! Cantando a luta com o povo que um dia conquistará o seu direito de ter Bach, porque já terá conquistado todos os outros direitos mais urgentes. E então o proletariado, frente à música de Bach, terá uma atitude, um modo de tocar, uma maneira de ouvir, e de festejá-lo radicalmente diferente.

Mas por enquanto, hoje, comemoramos Bach aprendendo.

Aprendendo a retomar a idéia de compositor como um trabalhador, e recusando a idéia de "gênio", de "artista", que a burguesia vem forjando cada vez mais nestes últimos trezentos anos. Homenageamos Bach pensando no compositor como um ativista, um animador musical, sem ademanos de gênio... "Trabalhei muito, qualquer um que se dedique bastante poderá fazer o que eu faço", disse Bach. Festejamos Bach em pleno combate contra o desenvolvimento desordenado do EGO, este câncer que o capitalismo engendra com o seu "artificialismo e o consumismo, o reacionarismo e o irracionalismo", o intimismo e o individualismo"...

Aprendendo a despreocupação (gorde e bonachona) de Johan Sebastian Bach pela originalidade. E não conhecemos tão bem o lugar que ocupa a "originalidade" na história da burguesia? Não basta lembrar as maquinações lucrativas que o sistema fabrica para a elaboração da moda, da publicidade (da "obsolescência planejada")? Mas em Bach encontramos a presença marcante, fundamental em sua obra, tanto

de elementos e técnicas do presente (de qualquer parte da Europa), como do passado... E é suficiente citar o lugar que ocupa Vivaldi na obra de Bach para a proposta de um confronto com a idéia de originalidade... E é igualmente bastante a consciência que temos dos problemas de comunicação efetiva com o proletariado hoje, para que coloquemos entre aspas a originalidade pregada pelos compêndios de estética burguesa.

Aprendemos com Bach a não seguir a MODA. A moda, está "originalidade" a qualquer custo — porque para o sistema o que importa é o lucro. Bach — pelo que deduzimos de sua obra — não se entendeu bem com a moda: e neste sentido bem pode servir de caução para um jovem compositor revolucionário de hoje. Bach escrevia numa técnica linear contrapontística que estava muito mais para os antigos de que a melodia acompanhada, em voga em seu tempo. Se a crítica burguesa escutasse Bach como olha para Shostakovich, certamente não iria comemorar os 300 anos de seu nascimento... Porque a crítica burguesa "exige" dos músicos socialistas, (de Shostakovich, por exemplo), que eles escrevam de acordo com a cartilha musical oficializada como de vanguarda no mundo capitalista?? Não percebem que não têm no confronto com Bach a mesma atitude que — correntemente — deveriam ter para com Shostakovich? Não seria a OFERENDA MUSICAL de Bach uma obra "reacionária" segundo os cânones da crítica burguesa do mundo capitalista?? É que os "estetas" burgueses só conhecem um significado para "reacionário" = aquilo que não está de acordo com os postulados de sua ditadura (do capital). Mas para aqueles que pensam em Shostakovich como um "reacionário" que bebeu em Mahler, nós lembramos — nesta época de comemoração do tricentenário — que Bach saciou-se em Frescobaldi (Ferrara 1583 — Roma 1643). Mas sabemos porque é pertinente que a crítica burguesa só conheça um sentido muito restrito para a palavra reacionário... Diz Brecht: "Nós derivamos nossa estética, assim como nossa moralidade, das necessidades de nossa luta!"

Aprendemos com Bach, porque somos dialéticos (e a "crítica metafísica" não tem o que nos oferecer...), a desenvolver o NOVO, a trabalhar o novo. Aprendemos com Bach a levar ao mais alto grau de desenvolvimento o novo, como Bach trabalhou a Fuga n.º 24 do I volume do "Cravo bem temperado". Assim como Shostakovich trabalhou a "6.ª Sinfonia", com "O Nariz". Assim como Hans Eisler trabalhou com o "Nonetto" e com as "Variações sobre a chuva". O espaço é pouco para tantos e contudentes exemplos! E recordamos como extraordinária lição as projeções de todas as funções tonais que têm na obra de Bach a mais plena e histórica realização.

Aprendemos de Bach o sentido da UTILIDADE da música! Pois não conhecemos que toda a produção de Bach teve origem nas necessidades sociais de seu tempo, e especificamente



nas exigências de cada comunidade à qual servia? Mas sem falsos idealismos sabemos transpor para os dias atuais o significado mais profundo que tem a UTILIDADE, porque questionamos com firmeza: ÚTIL PARA QUEM? E sabemos que não existe uma linha neutra entre os campos de combate da luta de classe onde a "ARTE" poderia se alojar acima dos interesses das batalhas travadas. Arte útil para qual classe? Quando o compositor burguês afirma que não atende a nenhum "interesse", a não ser aos anseios mais profundos de "sua sinceridade", o marxista-leninista sabe que a "sua sinceridade" e a "sua verdade" são as sinceridades, verdades e anseios de sua classe... Enquanto o burguês fala de ETERNIDADES, nós vivemos cada instante quente da luta. Arte para nós é sempre útil. Arte útil para nós é aquela que serve para cantar a marcha da luta de libertação do oprimido. Arte útil é aquela que forma os Bachs necessários à urgência das lutas de hoje: as cantatas para a voz de unidade do proletariado.

Aprendemos — hoje — com Bach, ou como Bach em seu tempo vivia o problema de fazer uma ARTE COMPREENSÍVEL para o público que cantava com ele. O compositor revolucionário festeja os 300 anos do nascimento de Bach, escrevendo uma música compreensível para o proletariado: o público que canta com o compositor revolucionário. Para nós não tem validade a "satisfação" de escrever música para uma elite de experts espertos (no sentido de finórios). Nem tampouco que o povo venha a cantar porque os meios de comunicação "deles" deram aprovação: atestado de inocuidade. Para nós não tem valor a proposta de escrever para a "humanidade", para a "eternidade". Como se a humanidade continuasse a ser eternamente burguesa; como se a burguesia tivesse futuro... Preferimos comemorar um Bach que escreveu música para cada instante, para cada instância.

Aprendemos de Bach que a finalidade específica de uma obra, que a funcionalidade da música é que reclama o tipo de material musical a ser empregado. Nós desprezamos o fato de "o meu gosto", "a minha originalidade", "a minha sinceridade e o meu estilo" determinarem o material musical a priori. Aquilo a que Eisler se refere como o es-

tilo da personalidade artística burguesa. No caso dos artistas de vanguarda, o material "avançado", "atual" (e isto segundo o critério "deles"...) é que é determinante para o valor da obra. Comemoramos Bach com sensibilidade para os apelos que a luta do proletariado tem para nós, a cada momento preciso: música para demonstrações, música para celebrar feitos, música aplicada ao teatro do oprimido, ao cinema do oprimido, etc. Vale recordar que Bach escreveu de modos tão diversos quanto as necessidades práticas exigiram. Vale recordar Eisler compondo na rua: com o povo. Vale recordar Shostakovich escrevendo a 7.ª Sinfonia enquanto apagava o incêndio de Leningrado provocado pelas bombas nazistas. Vale, assim, comemorar Bach!

Temos aprendido muito com a batalha das classes, com as lutas do povo em busca de sua libertação e aprendido a comemorar — por exemplo, os 300 anos de Bach — de modo especial, oportuno e útil. Não nos enganarão! Dizemos com Brecht — em nome de Johan Sebastian Bach: "As câmaras de gás do Trust IG-Farben são monumentos à cultura burguesa destas décadas. O chefe da SS Heydrich (ou era Kaltenbrunner?) era um notável conhecedor de Bach".